

**QUENTAL, ANTERO DE. *NOVAS CARTAS INÉDITAS***  
**Introdução, Org. e Notas por Lúcio Craveiro da Silva.**  
**Coleção Investigação e Cultura. Ed. Faculdade de Filosofia - Braga.**  
**1996.**

LUÍS FERNANDO PRADO TELLES  
(Pós-Graduando IEL/UNICAMP)

Ao falar das “Vicissitudes históricas destas Cartas” de Antero de Quental, no primeiro ítem da *Introdução*, Lúcio Craveiro da Silva dá destaque à ironia do fato de tais cartas terem sido encontradas nos Arquivos dos Jesuítas. Justamente eles, tão atacados por Antero de Quental, principalmente em seu conhecido texto sobre “As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos”.

Estas cartas de Antero, agora publicadas, são todas endereçadas a Oliveira Martins, e, segundo o organizador, elas teriam sido entregues por D. Vitória, mulher de O. Martins, a um famoso padre de Lisboa, que teria sido Reitor do Colégio Capolide, de nome Joaquim Campo Santo. São 29 cartas, e de acordo com as conclusões a partir das pesquisas feitas por Craveiro, elas vão de 1871 a 1890 e teriam sido redigidas em várias cidades, tais como Lisboa, Vila do Conde, Porto, Minho, Ponta Delgada e Paris<sup>1</sup>. Além das cartas de Antero, teriam sido entregues também ao padre Joaquim Campo Santo 10 cartas, de várias personalidades, que narram os últimos momentos da vida do poeta, as reações perante o seu suicídio e expressam também manifestações de homenagem. Essas cartas correspondem à segunda parte do volume.

A curiosa demora em se descobrir e conseqüentemente publicar tal material deveu-se, tal como narra Craveiro, às “peripécias rocambolescas” que os arquivos dos Jesuítas, inclusive os baús do P. Joaquim C. Santo, estiveram sujeitos em decorrência das vicissitudes históricas “tormentosas e arriscadas” dos Jesuítas, expulsos de Portugal em 1910.

---

<sup>1</sup> A maioria dos manuscritos das cartas de Antero encontravam-se sem data e sem o nome do local em que foram escritas, fato que levou Lúcio Craveiro da Silva a efetuar uma pesquisa no sentido de poder sugerir as datas e os locais prováveis das cartas.

Assim, após percorrer os mesmos trajetos de idas e retornos dos Jesuítas; as cartas só foram descobertas depois da mudança de endereço da Cúria Provincial, em 1985, data em que o Arquivo foi devidamente organizado pelo arquivista P. Vital Dias Pereira, o descobridor das cartas inéditas de Antero de Quental.

No entanto, só em 1988 o P. Manuel Simões encarregou-se de organizar e estudar as cartas com o fim de publicá-las, chegando a editar um total de 5 além do primeiro “Programa da União Democrática” redigido por Antero, todas com os devidos comentários. Com a morte do P. Manuel Simões em 1995, a responsabilidade pela publicação das cartas passou para as mãos de Lúcio Craveiro da Silva (autor do importante estudo intitulado de **Antero de Quental - Evolução do seu Pensamento Filosófico**) que completou o trabalho do padre e veio a publicar o volume, do qual aqui tratamos, em 1996.

No terceiro ítem de sua *Introdução*, Craveiro procura situar as 29 cartas de Antero dentro do panorama do pensamento do próprio poeta, e tenta organizar um esquema de acordo com três vertentes que lhe pareceram fundamentais no pensamento de Antero de Quental, são elas : “a procura filosófica e metafísica, o espírito religioso que nele anda ligado à metafísica, e a adesão à justiça social e nela ao socialismo”. Pelo entendimento dessas três vertentes Craveiro vislumbra como se deu a assimilação das figuras mais influentes na personalidade de Antero : Hegel , Cristo e Proudhoun. Figuras que certa vez o poeta declarou serem aquelas às quais mais amava e mais devia.

Tendo em vista essa três vertentes, Craveiro procura identificar nas cartas os pontos mais significativos no que se refere às influências de Antero de Quental, tanto a Hegeliana quanto a Cristã e a Proudhoniana. Essas vertentes aparecem mais ou menos acentuadas de acordo com a evolução temporal da vida do poeta e isso parece ser o que representa muito bem essa seqüência de 29 cartas endereçadas a Oliveira Martins.

As cinco primeiras cartas que vão de 1871 a 1873 são bem representativas da fase da vida de Antero que foi caracterizada por um certo empenhamento combativo; tal fase corresponde ao período em que Antero está mais tomado pelos ideais Proudhonianos e Socialistas, seria pois, o período em que a vertente da “adesão à justiça social”, tal como caracterizou Craveiro, estaria mais evidente nas expressões do Poeta dos Açores. Além disso, esse período em que estão inseridos essas cartas, coincide com o final da terceira das cinco fases, divididas por Oliveira Martins, dos *Sonetos* de Antero de Quental. Essa fase estaria compreendida, pois, entre 1886-1874, e foi descrita por O. Martins como sendo a fase solar, de hino à razão.

Nessas primeiras cartas vemos um Antero envolvido em questões sociais e engajado nos projetos de mudança. Na carta de 23 de Maio de 1871 o poeta fala

a O. Martins sobre o tema da primeira conferência democrática, na qual foi orador, e de suas repercussões perante o público. Na carta de Maio/Junho de 1872 Antero confessa estar envolvido com o trabalho do seu “Programa”, que na verdade tratava-se de um texto intitulado de “Programa para os trabalhos da geração nova”. A essa altura de sua vida Antero está tão crente nas possibilidades de mudanças concretas que seu trabalho seria capaz de conquistar que chega a declarar que: “À maneira que escrevo, vejo crescer diante de mim a verdade e realidade da Revolução, e abraço-lhe a imensa construção com grande unidade”.(p.50/51)

Na quinta carta ( 23 de Fev.de 1873) ainda percebemos um Antero engajado socialmente; nesta ele envia a Oliveira Martins a primeira redação de seu Programa para a “União Democrática Portuguesa” e pede ao amigo que “apresentasse as modificações, adiantamentos etc. que entendesse”.

A partir da sexta carta vemos um outro Antero, mais intimista, preocupado em resolver seus problemas filosóficos, místicos e religiosos. Na carta de 10 de outubro de 1874 podemos notar já bem nítido o conhecido pessimismo anterior que tornou-se notório pelos seus sonetos considerados por Oliveira Martins como os da quarta fase (1874-80). Já nessa carta declara: “Francamente, por dever, por dignidade, faço tudo quanto cumpre fazer para viver: mas, no íntimo do meu desejo, só aspiro à morte, só esse pensamento me dá satisfação porque considero a minha vida como o maior absurdo do século...”(p.64).

As cartas seguintes à de 74 revelam um Antero em conflito com o seu hegelianismo; o poeta parece estar mais interessado no homem enquanto indivíduo, o que foge ao sistema abstrato de Hegel. Contudo, Antero aproveita uma certa metafísica hegeliana para aproximar esta filosofia de sua , então emergente, tendência mística. Um dos exemplos desse momento do pensamento anterior encontra-se expresso, por exemplo, na carta de 20 de Novembro de 1876, onde diz que:

“Mais do que nunca creio na realidade ideal de Deus; creio, com Hegel, num Grande Espírito que envolve tudo, potência e finalidade de todas as realidades contingentes e phenomenaes, que saem um momento do nada e não tem outra razão do ser senão a aspiração, a tendência para esse ideal, esse tipo de perfeição absoluta que cada qual como que a imita limitadamente...”(p.79).

Essa passagem de uma metafísica hegeliana para uma mística de fundo filosófico é reforçada no pensamento anterior quando o poeta passa a estar sobre a influência do pessimismo de filósofos como Schopenhauer e Hartmann. Antero, no entanto, entende o pessimismo desses filósofos como sendo idêntico ao seu otimismo, e chega a dizer, em sua carta de 6 de Agosto de 1877, o

seguinte: “O meu Pessimismo no fundo é optimismo”. Nessa mesma carta Antero parece dar continuidade ao raciocínio descrito acima, na carta de 76, só que agora sob a influência de Hartmann:

“Que se não ame senão o ideal, que nada se faça senão pelo ideal, mas q. se aceite o real como a matéria prima necessária para a Symbolização desse mundo ideal que se adora, como o instrumento indispensável à educação da consciência espiritual - tal me parece ser a verdadeira doutrina. Eu chamo a isto mysticismo, não porq. os mysticos comprehendessem e formulassem esta doutrina, mas por estar persuadido que é por esta doutrina q. o sentir dos mysticos se explica, q. esse sentir a contém immanente e q. era isto o q. elles procuravam - a grande paz espiritual - ...”(p.90).

Esse misticismo apoiado na filosofia de Hartmann suscitou uma mudança geral no modo de Antero encarar o mundo, inclusive a sua arte, e é isso que se vê em sua carta de Vila do Conde, Maio de 1884: “Os sonetos que agora faço os tenho não já como coisa literária mas religiosa...”. Essas palavras parecem confirmar a divisão, feita por O. Martins, dos sonetos de Antero, pela qual a quinta e derradeira fase seria a da reconciliação mística.

Além de uma espécie de radiografia do itinerário da evolução do pensamento de Antero de Quental, estas 29 cartas trazem também detalhes da vida do poeta, tal como o relato da carta de Bellevue de 18 de Julho de 1877 quando Antero foi consultar o famoso Dr. Charcot, o qual diagnosticou : “Vous avez une maladie de femme transportée dans un corps d’homme : c’est l’hystérisme”(p.87).

A última das 29 cartas , a de Vila do Conde, 25 de Janeiro de 1890, transmite-nos o impacto sofrido por Antero e a sua desilusão pela nação portuguesa devido ao, então recente, Ultimatum de 11 de Janeiro de 1890. Nessa carta Antero faz questão de não esconder as lágrimas perante o amigo Oliveira Martins : “Se lhe disser q. tenho chorado, v. acredita, embora sorria vendo estas minhas contradições, as contradições da minha inteligência e do meu sentimento. (...)É horrível ver assim um povo ajitar-se nas trevas, sem ter quem o dirija!”(p.121).

Dias depois de redigida essa carta Antero foi convidado a (e aceitou) dirigir a “Liga Patriótica do Norte”, uma das suas últimas atitudes de engajamento social e político, que por sinal não teve muito sucesso, sendo a “Liga” diluída rapidamente.

Mais ou menos um ano e meio, a contar da data desta carta, foi o tempo que demorou para Antero dar cabo de seu mal estar físico e psíquico, do qual vinha sofrendo, dando dois tiros na cabeça a 11 de Setembro de 1891.

É justamente a respeito dos “Antecedentes e reações ao suicídio de Antero” que versam as 10 cartas endereçadas a O. Martins que compoem a

segunda seção do volume em questão. São cartas de parentes e amigos próximos de Antero, elas relatam, por exemplo, a reação dolorosa ao suicídio do poeta por parte de João Lobo de Moura e também de Barros Gomes. Uma outra carta fala a respeito da iniciativa de se dedicar um busto a Antero na Biblioteca Pública de Ponta Delgada. Mas as cartas mais impressionantes devido ao realismo com que foram feitas são as duas que relatam a última tarde de vida de Antero. Carlos Manuel Gomes Machado (carta de Ponta Delgada, 30 de Outubro de 1891), a última pessoa a conversar com Antero naquela tarde, narra o seguinte:

“No topo das escadas e descendo o primeiro degrau, sem me encarar, como quem se envergonha de mentir, disse-me as últimas palavras: “Vou a caza do primo Arruda...e... talvez volte”... (...) Em vez de ir para caza do primo, como me disse, subio a minha rua, tornou no fim á esquerda seguindo a direcção da cas onde moravam as pequenas, passou por ella mas não entrou, mais além voltou novamente para baixo, entrou no Campo de S. Francisco (passeio publico) sentou-se n’um banco de ferro e disparou logo o revolver. Um policia acudiu, e quando se aproximava ouviu segundo tiro: foi este que lhe atravessou o cerebro; o primeiro foi muito dianteiro e com o revolver muito perpendicular de sorte que a bala veio ao nariz.”(p.139).